

DOCUMENTOS CERVEIRENSES

“A FIGURA”

MARIA AMÉLIA CARVALHEIRA DA SILVA, ESCULTORA CERVEIRENSE,
QUE FOI UM DOS GRANDES VULTOS DA ARTE SACRA PORTUGUESA



Conforme foi publicado em “Cerveira Nova” de 5/1/99 faleceu, em Lisboa, onde foi sepultada, a grande escultora cerveirense, natural de Gondarém, Maria Amélia Carvalho da Silva.

Contando 94 anos de idade, Carvalho da Silva deixou o seu nome ligado inúmeras obras de arte sacra, espalhadas pelo nosso País (especialmente em Fátima) e também pelo estrangeiro, sem nunca ter esquecido o seu concelho ao qual dou muitos trabalhos, dos quais destacamos: “Monumento ao Emigrante”, “Senhora dos Caminhos” e “S. José e o Menino” (Gondarém); “S. Marçal” (Bombeiros de Cerveira), e “Via Sacra” (Igreja Matriz de Cerveira). Isto além de variadíssimas obras de arte que se encontram em capelas e igrejas concelhias e de outros trabalhos artísticos pertença de particulares.

Pelo seu distinto labor profissional, Carvalho da Silva recebeu condecorações do Vaticano e do Governo Português, tendo sido também galardoada com a Medalha de Mérito Concelhio pela Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira, e homenagem em Gondarém, onde existe um largo com o seu nome.

Há tempo, numa deslocação a Lisboa, tivemos oportunidade de entrevistar Carvalho da Silva, entrevista que, por motivos diversos, não tivemos oportunidade, até agora, de a publicar em “Cerveira Nova”.

Em homenagem à grande artista cerveirense, e a título póstumo, vamos hoje apresentar, em “A FIGURA”, a entrevista que então fizemos, na Capital, a Maria Amélia Carvalho da Silva.

CN - O gosto pela escultura apareceu de repente ou houve algum facto que a motivasse?

M.A.C.S. - Logo de pequenina, com 12 anos, quando apanhei o primeiro bocado de barro, comecei a fazer escultura. E o primeiro trabalho foi até inspirado no rótulo de uma garrafa cuja figura tinha muitas parecenças com uma pessoa, muito nossa amiga, de Gondarém. E de tal modo ficou parecida que todos, mal a viam, a identificavam.

CN - Quem foi o seu o primeiro mestre?

M.A.C.S. - Fui discípula de mestre Barata Feio e depois é que me comeci a dedicar à escultura, embora tivesse ainda contactado com diversos mestres.

CN - Dos mestres com quem conviveu e aprendeu qual deles teve maior influência no desenvolvimento artístico da escultora Maria Amélia Carvalho da Silva?

M.A.C.S. - Sem dúvida o mestre Barata Feio. Foi um bellissimo professor e amigo. Foi o que me fez desenvolver na escultura, já que cheguei a matricular-me numa escola, mas, por não gostar do ambiente, saí. O mestre Barata Feio acompanhou na mesma a minha aprendizagem artística e, como referi, motivou o meu desenvolvimento na arte escultórica.

CN - Quais as obras da sua autoria que se encontram no Santuário de Fátima?

M.A.C.S. - O “Anjo da Loca e os Três Pastorinhos”; a “Via Sacra” e “Nossa Senhora dos Valinhos”, todas elas na zona dos Valinhos; No Seminário do Verbo Divino tenho duas estátuas e outra Via Sacra; na “columanta” tenho seis imagens: Santa Teresa, S. João da Cruz, Santo Inácio de Loiola, S. Simão Stok e mais três imagens cujos nomes agora não me recordo.

Na Basílica tenho uma imagem de S. Domingos, com três metros; na entrada da casa Beato Nuno tenho o Beato Nuno, em baixo relevo, com quatro metros; na capela das “Irmãs da Aposentação” as obras da minha autoria são: “Jesus Crucificado”, “Nossa Senhora de Fátima”, e o S. Miguel Arcanjo, em baixo relevo; tenho nas “Irmãs Dominicanas o S. Domingos, em mármore, agarrado à Cruz e o Cristo, em bronze, também executado por mim.

CN - Conheçemos muitas dessas obras, executadas pela D. Maria Amélia, que se encontram no Santuário de Fátima, mas há uma que nos cativa sempre: trata-se do “Anjo da Loca e dos Três Pastorinhos”, esculturas que se encontram localizadas na zona dos Valinhos. Pode-nos contar qual foi a forma inspiradora desse importante trabalho?

M.A.C.S. - A forma inspiradora foi o estudo do relato das aparições. No entanto para a concretização deste trabalho houve algo que se passou e que na altura, e ainda agora quando falo nisso, muito me emocionou, e que foi o seguinte: Depois de ter esculpido as imagens do Anjo, da Lúcia e da Jacinta, faltava-me o modelo para o Francisco. Com esta ideia na mente aconteceu que por altura de um natal, e já lá vão longos anos, ouvi à porta de meu estúdio gargalhadas de crianças. Abri a porta e vi um menino que, após contactos com familiares, me serviu de modelo. E de tal maneira fui feliz com essa “prenda” de Natal que, quando as esculturas foram expostas na “Casa dos Retiros”, em Fátima, antes de irem para a “Loca do Cabeço”, familiares dos videntes, entre eles o pai do Francisco e da Jacinta exclamaram em unísono: “A imagem tem mesmo a cara do Francisco”.

CN - Continuando a falar de trabalhos que tem em Fátima, também conhecemos um que muito nos sensibiliza. Trata-se da “Via Sacra” que vai da estrada dos Valinhos ao “Calvário Húngaro”. Pode-nos contar alguns pormenores sobre a execução desse trabalho?

M.A.C.S. - Quando me encomendaram e assinei o contrato para a execução desse “Via Sacra” queriam que eu declarasse, por escrito, que me responsabilizava pela permanência da cor, uma vez que queriam a pedra policromada. Recusei-me a isso porque não há nada que resista ao Sol, a não ser se fosse executado em cerâmica, o caso seria diferente, pois a cerâmica con-

segue resistir ao Sol. Como eu não trabalhava em cerâmica, levei-os a casa de um artista da especialidade e pedi-lhe para mostrar qualquer assunto religioso dizendo-lhe que era para fazer uma “Via Sacra”. Mas quando ele apareceu com um trabalho, feito em cerâmica, onde aparecia uma pretensa imagem de Jesus Cristo, de tal maneira esquisita, que o sacerdote que me acompanhava exclamou apavorado: “Isto não é Jesus. Não é Jesus de maneira nenhuma”. Depois virou-se para mim e disse-me para eu executar a “Via Sacra”. E, como já afirmei, mesmo com a minha recusa em assinar qualquer documento que me responsabiliza-se pelo manter a cor da “Via Sacra”, entregaram-me de imediato a obra, à qual, ainda não há muito tempo, acrescentei mais um quadro que foi o da “Ascensão”.

CN - Quais as zonas do nosso País onde tem mais obras expostas, excluindo Fátima?

M.A.C.S. - Tenho na igreja de Santo António, no Porto, um Cristo, grande, e um Coração de Jesus; no Colégio Francês tenho a imagem (uma das imagens que eu mais gosto) a Virgem sentada com o Menino, em tamanho natural; em Coimbra tenho outra “Via Sacra”, também em baixo relevo, na igreja de S. José, e ainda as imagens de Nossa Senhora de Fátima e de S. José; em Lisboa, na igreja de S. João de Brito, tenho duas imagens grandes que são Nossa Senhora de Fátima e o Coração de Jesus e mais duas imagens pequenas e ainda uma “Via Sacra” que é representada por catorze anjos iguais, com um livro aberto, mencionando a “Via Sacra”; na igreja de S. João de Brito, tenho umas seis ou sete imagens, exactamente todas aquelas que têm um resplendor grande.

CN - Há anos esteve representada na Bienal de S. Paulo, no Brasil, que obra apresentou?

M.A.C.S. - Apresentei S. Lucas, em bronze, um baixo relevo.

CN - Também, há anos, conquistou o primeiro lugar no prémio Mestre Manuel Pereira. Que trabalho levou a concurso?

M.A.C.S. - Foi S. João de Deus que se encontra na capela da Cruz Vermelha, em Lisboa.

CN - Sabemos que um “Gesso” representando o mesmo Santo desapareceu. Como foi?

M.A.C.S. - Esse “Gesso” era até o que tinha sido premiado pelo S.N.I. e seguia na mala de um táxi, veículo que me transportava justamente com umas pessoas de Gondarém, mas por esquecimento, quando chegamos ao destino, deixamos seguir a imagem no táxi e nunca mais a conseguimos encontrar, não obstante ser uma imagem até bem grande.

CN - E nunca considerou isso um pouco ou até bastante estranho?

M.A.C.S. - Lá muito estranho foi. Mas o certo é que tanto a imagem, como o taxista e o táxi esfumaram-se...

CN - Sabemos que tem trabalhos na Ilha da Madeira. Quais são?

M.A.C.S. - Um “Imaculado Coração de Maria”, em mármore, com dois metros, e um “Cristo Crucificado”, com um metro e oitenta, numa igreja que foi restaurada, mas como nunca fui à Madeira não sei onde se localiza.

CN - Nunca foi à Ilha da Madeira mas já foi à Jugoslávia onde, segundo apuramos, lhe aconteceu um episódio muito cativante. Conte-nos esse episódio?

M.A.C.S. - Realmente fui à Jugoslávia visitar uns videntes que desde há tempo afirmavam ter visto, por várias vezes, Nossa Senhora. Em casa tinham uma imagem

da Virgem que não me agradou. Como os videntes me descreveram a Senhora que lhes apareceu vim para Lisboa e fiz um pequeno baixo relevo com as indicações que recolhi dos videntes. Aconteceu, depois, que várias pessoas que haviam ido à Jugoslávia e que também ouviram as descrições, ao verem a minha imagem identificavam-na logo como a Nossa Senhora da Jugoslávia.

CN - D. Maria Amélia. Porque é que com uma idade já bastante avançada e também com uma já tão longa carreira artística continua a trabalhar?

M.A.C.S. - Como já tenho muitos anos de idade as pessoas pensam que não poderei durar muitos mais e, como as obras ficarão mais valorizadas após a minha morte, não faltam encomendas. E eu, como acima de tudo amo a arte, continuo a trabalhar e não desiludo os que querem as minhas obras.

CN - Como é do conhecimento geral a D. Maria Amélia tem muitas obras de arte espalhadas pelo seu concelho, todas elas de grande vulto. No entanto há uma, em Gondarém, “Monumento ao Emigrante”, que a mim muito me sensibiliza pois tive uma espécie de antevisão quando em 1979 publiquei o livro “Nacos do Alto Minho” e num poema dedicado aos emigrantes escrevi na parte final:

“E nesse busto distinto
Em que a nobreza é seu porte
O emigrante sobrevive...
Sobrevive, além da morte”.

E o certo, é que passados nove anos, o “Monumento ao Emigrante” apareceu. Que nos diz a isto?

M.A.C.S. - Digo-lhe que a inspiração, a criatividade, o amor à terra, até faz, às vezes, de nós profetas. E contrariando o ditado o senhor até foi profeta na sua terra.

CN - A D. Maria Amélia foi galardoada pelo Vaticano, pelo Governo Português, pela Câmara Municipal de Cerveira e teve uma grande homenagem, em Gondarém, na Páscoa de 1988. Que representaram, para a artista, essas distinções?

M.A.C.S. - O reconhecimento por uma vida artística dedicada aos valores católicos, ao prestígio do meu País, à divulgação do meu concelho e ao amor à minha terra Natal.

CN - Desculpe-me esta pergunta um pouco indiscreta à qual responderá ou não, se assim o entender. Tem ganho muito dinheiro a fazer escultura em Portugal?

M.A.C.S. - Não. De maneira nenhuma. Porque tenho passado a vida a trabalhar por amor à arte. Claro que tenho ganho o suficiente para me sustentar a mim e à família. Embora sendo a única escultora só a trabalhar em arte sacra levei sempre pelos trabalhos o que considerava suficiente. Mas digo-lhe. Se não tivesse encomendas (felizmente tenho muitas) continuaria a trabalhar por amor à arte.

CN - A terminar. Como nos define a escultora Maria Amélia Carvalho da Silva a arte sacra?

M.A.C.S. - A arte sacra, na minha visão e também na de meus antigos mestres, define-se no estudo profundo da vida e da obra daqueles que pretendemos perpetuar. Na criatividade e também na sensibilidade para o Divino. É que eu não considero arte sacra, embora respeita o trabalho dessas pessoas, essas imagens que fazem os chamados “santeiros”.

José Lopes Gonçalves